

# **A RAINHA DO IGNOTO, DE EMÍLIA FREITAS, E AS BRUMAS DE AVALON, DE MARION ZIMMER BRADLEY: MISOGINIA E DESCRÉDITO COM OBRAS PIONEIRAS**

*A RAINHA DO IGNOTO, BY EMÍLIA FREITAS, AND THE MIST OF AVALON, BY MARION ZIMMER BRADLEY: MISOGYNY AND DISCREDIT WITH PIONEER WORKS*

Santa Paixão Ribeiro de Sousa<sup>i</sup>  
Yls Rabelo Câmara<sup>ii</sup>

**Resumo:** *A Rainha do Ignoto*, publicado no Brasil em 1899, e *As Brumas de Avalon*, nos Estados Unidos, em 1979, são dois romances pioneiros, duas utopias que enaltecem mulheres que vivem em comunidades míticas formadas por elas em ilhas mágicas, crescendo em conjunto, praticando a sororidade e a solidariedade e prescindindo dos homens – que inclusive depreciam seu estilo de vida evoluído espiritualmente, mas não o conseguem superar. Ambas as obras romperam paradigmas e estabeleceram uma nova ordem: a primeira, inaugurou a Literatura Fantástica no Brasil; a segunda, inverteu a releitura da lenda arturiana para sempre. Não poderiam sair impunes. Rechaço, silenciamento e apagamento foram algumas das muitas consequências para suas autoras, Emília Freitas e Marion Zimmer Bradley, respectivamente. Neste artigo, uma revisão de literatura, uma pesquisa básica e de objetivo exploratório, tratamos dessas questões baseando-nos em estudiosas e estudiosos da área como Câmara (2016); Castro (2021); Catrib, Paula e Câmara (2023); Oliveira (2007) e Sousa (2022), dentre outras e outros. Concluimos que o repúdio e o ostracismo que o presente dossiê trata, canalizando o escopo para as escritoras nordestinas solapadas pelo nosso Cânone Literário, extrapola esta fronteira e deságua em terras outras, mas com o mesmo problema: a misoginia no meio literário.

**Palavras-chave:** Obras Literárias Pioneiras Rechaçadas; Beletristas Silenciadas; Apagamento de Escritoras Vanguardistas.

**Abstract:** *A Rainha do Ignoto*, published in Brazil in 1899, and *The Mists of Avalon*, in the United States, in 1979, are two pioneering novels, two utopias that praise women who live in mythical communities formed by them on magical islands, growing together, practicing sisterhood and solidarity and living without men – who even despise their spiritually evolved lifestyle, but are unable to overcome it. Both books broke paradigms and established a new order: the first inaugurated Fantasy Literature in Brazil; the second, reversed the reinterpretation of the Arthurian legend forever. They had to be punished for that. Rejection, silencing and erasure were some of the many consequences for their authors, Emília Freitas and Marion Zimmer Bradley, respectively. In this article, a literature review, a basic research with an exploratory objective, we deal with those issues based on scholars such as Câmara (2016); Castro (2021); Catrib, Paula and Câmara (2023); Oliveira (2007) and Sousa (2022), among others. We conclude that the repudiation and ostracism that this dossier deals with, channeling its scope to the Northeastern Brazilian female writers undermined by our Literary Canon, goes beyond this border and ends up in other lands, but with the same problem: misogyny in the literary environment.

**Keywords:** *Rejected Pioneering Literary Works; Silenced Female Belletters; Erasure of Avant-Garde Female Writers.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

<sup>i</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Estudos Filhas de Avalon (FECLESC/UECE). *E-mail:* santaribeirosp@gmail.com.

<sup>ii</sup> Doutora e Mestra em Filología Inglesa (Letras – Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* yiscamara@hotmail.com.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A *Rainha do Ignoto* (2019, cujo *debut* literário em solo nacional foi em 1899), da escritora cearense Emília Freitas, e *As Brumas de Avalon* (2008, obra lançada originalmente como parte de uma trilogia em 1979, nos Estados Unidos), da beletrista estadunidense de Literatura Fantástica Marion Zimmer Bradley, são obras grandiosas e que possuem semelhanças entre si, desde elementos concretos na narrativa – como a forma que ambas as escritoras descrevem suas personagens, até a relação existente no léxico, o que nos leva a uma análise mais profunda.

Entre os muitos pontos em comum, pode-se constatar também – e este é, quiçá, o de maior realce e destaque – o foco da ação nas personagens femininas, pois são elas que têm o papel proeminente, embora pertençam a contextos diferentes e cada narrativa retrate problemas sociais de suas épocas, de suas culturas e, sobretudo, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres – temas sensivelmente bem abordados por essas duas grandes literatas.

Com o transcorrer dos séculos, impregnados de desmandos patriarcais, foi-se revelando que a supremacia masculina oprimia o feminino em quase todo o planeta – em uns rincões mais do que em outros por razões próprias, mas que em absoluto justificam essa disparidade. O “belo sexo” necessitou muito de proteção em dados momentos da História da Humanidade – ainda necessita, na verdade, especialmente se tratamos do universo terceiro-mundista. Foi dessa forma que, nos tempos de Emília Freitas, suas congêneres deveriam ficar seguras em suas residências, obedecendo primeiramente ao seu pai e, depois, quando já casadas, ao seu marido.

Como advoga Floresta (2020), esse determinismo castrador sobre a mulher é completamente errôneo porque o que se afirma a respeito do elemento feminino são meras suposições. Nossa sociedade, extremamente falocêntrica, nos fez acreditar – mais no passado do que propriamente no presente – que éramos inaptas para qualquer atividade que fosse realizada fora do ambiente doméstico – principalmente se fosse intelectual. Diante disso, não teríamos a menor possibilidade ou liberdade para governar nossas vidas, “[...] a traição e a vil inveja desse sexo [o masculino] [...]; enquanto que, em lugar de uma mulher, cujo entendimento e costumes se aperfeiçoam sem sua tutela, existem milhares que eles arrastam a uma ruína inevitável” (*ibidem*, p. 37).

Tem-se, nas duas histórias descritas em ambos os romances aqui analisados, a figura masculina sempre tentando inferiorizar a mulher, e a forma mais recorrente de contê-la era deixando-a presa ao lar, proibida de adquirir qualquer tipo de conhecimento que pudesse prover-lhe liberdade. Assim, não poderia jamais ter o poder de governar nem de liderar. Desde

o início das narrativas, temos indícios de que ambas as escritoras trariam em seus enredos mulheres fortes e corajosas, enfrentado, em cada caso, uma sociedade que tinha seu foco nos interesses masculinos.

Nossas escritoras enfrentaram diversos desafios para adentrar o universo literário. Como em muitas outras áreas, a hegemonia era sempre masculina e não seria diferente com a Literatura. A narrativa de Emília Freitas está ambientada na cidade de Aracati – zona litorânea do Ceará –, no século XIX. Conforme Castro (2021), a Literatura Cearense do século XIX apresentava-se extremamente excludente; os grupos literários que começaram a surgir eram frequentados apenas por homens – e aqui adicionamos uma informação importante: homens brancos e que, normalmente, tinham uma família que lhes proporcionaram cultura e educação formal. Em síntese: eram amplamente privilegiados.

O primeiro grupo literário cearense ficou conhecido como “Os Oiteiros”, e assim como este, outros vieram, mas em nenhum, naquele início do século XIX, se tinha a presença da mulher. Acreditava-se que a criação literária era uma tarefa designada ao homem; “o sexo frágil” não tinha capacidade para criar intelectualmente e, principalmente, se envolvesse alta qualidade linguística (Castro; Almeida, 2020).

Em seu romance *A Rainha do Ignoto*, Freitas, em sua dedicatória, demonstra completa consciência do que era ser uma mulher literata naqueles idos, iniciando seu texto dedicando-o aos homens que eram, naquele contexto e para ela, como “estrelas de primeira grandeza”, confirmando que em tais ambientes tinha-se a presença masculina como proeminente e preponderante. Ela continua, nas próximas linhas, dizendo que eles até poderiam achá-la ousada por essa dedicatória, mas que também poderiam aceitar sua obra sem que isso significasse uma humilhação para eles: “[...] Minha oferta não vos deslustra. Ei-la dilapidada como um diamante arrancado do seio da terra e oferecido por mão selvagem” (Freitas, 2019, p. 19).

Em terras internacionais, tínhamos as mesmas dificuldades, ainda que em proporções distintas. A escritora de fantasia estadunidense Marion Zimmer Bradley, no início de sua carreira como literata, foi chamada de escritora de fácil tiragem porque publicava romances eróticos e de ficção científica. Em *As Brumas de Avalon* (2008), ela escolhe a Idade Média e a lenda arturiana como cenários para a sua trama, e assim como Freitas, nos apresenta, ainda no início da obra, uma personagem que será quebradora de paradigmas: “[...] a fada Morgana não se casou, mas foi mandada à escola, num convento, onde se tornou uma senhora da magia” (Bradley, 2008, p. 6). Por essa descrição, já podemos imaginar que ela inverteria as polaridades de poder dentro dessa lenda androcêntrica e de estofamento cristão, pinçando dos porões do ostracismo – nos quais se encontrava há oito séculos –, a personagem Morgana das Fadas ou

Morgana de Avalon, *alter ego* dessa escritora transgressora, sacerdotisa pagã e homoafetiva. Sua protagonista seria o inverso do que se esperava dela a princípio, para a estupefação geral (Sousa, 2022).

Embora as duas obras citadas acima tenham seus enredos desenvolvidos em períodos diferentes, para Sousa (*ibidem*), é possível notar que a sociedade não mudou, de fato, seu pensamento a respeito das mulheres. Bradley nos mostra, por meio de suas personagens, como a mulher cristã tinha que estar sempre pronta para cuidar de outrem, e caso se recusasse a fazê-lo, poderia ser disciplinada pelo pai ou pelo marido. No Ceará do século XIX e início do século XX, Emília Freitas expõe o mesmo problema, de acordo com Klumb (2021), onde e quando o homem tinha total poder sobre a mulher, e se esta viesse a “envergonhar” a família ao se comportar de maneira insubordinada, poderia ser castigada para que voltasse a ser submissa.

Basta um olhar não necessariamente atento para percebermos as injustiças cometidas contra as mulheres em mais de dois milênios de patriarcado. Os textos literários de autoria feminina, espelhando esses maus tratos, têm como uma de suas funções servir de relicário para escritas que foram e seguem sendo desprezadas por cânones literários marcadamente masculinos e que não têm os mesmos crivos de criticidade para escritoras e escritores.

Assim, para melhor apresentar os resultados e reflexões aos que chegamos após este estudo e análise, este trabalho está dividido em cinco partes, senão vejamos: (1) Considerações Iniciais, (2) Percurso Metodológico, (3) Marco Teórico, (4) Resultados e Discussão e (5) Conclusões.

## 1 PERCURSO METODOLÓGICO

A proposta para esta pesquisa se deu através do Grupo de Estudos Filhas de Avalon<sup>1</sup>, em sua I Edição (2020/2021), na Aula 18, quando estudamos Marion Zimmer Bradley e sua obra magna, e em sua II Edição (2021/2022), na Aula 6, quando nos debruçamos sobre a vida e a obra de Emília Freitas. A partir dessas duas aulas específicas e ministradas por agentes de nossa membresia, nós, que já tínhamos uma forte vinculação com o enredo do romance bradleyiano *As Brumas de Avalon*, mas ainda não tínhamos leitura suficiente no romance

---

<sup>1</sup> O Grupo de Estudos Filhas de Avalon – idealizado, criado, orientado e liderado pela Professora Doutora Yls Rabelo Câmara e chancelado pela Universidade Estadual do Ceará –, tem como escopo o estudo da Literatura Produzida por Mulheres, sejam elas nacionais ou internacionais, pretéritas ou atuais. Contudo, damos maior enfoque às que são ostracizadas pelos cânones literários – hegemonicamente formados por homens privilegiados (Nota das Autoras).

emiliano *A Rainha do Ignoto*, começamos a nos indagar se existiam semelhanças entre as duas obras além das ligações mais visíveis entre elas – mas sempre focando nas personagens femininas e na conexão delas com a natureza e com o divino feminino.

Esta indagação nos levou à concretização desta que é uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório, uma revisão bibliográfica que se propõe a discutir, além das coincidências entre os dois romances, o impacto que ambos tiveram em seu momento de publicação – principalmente fazendo deles e de suas escritoras, marcos historiográficos literários.

Primeiramente fizemos uma pesquisa nos *sites* Google Acadêmico e Scielo e em Repositórios Institucionais da Universidade Estadual do Ceará (Uece) e da Universidade Federal do Ceará (UFC), buscando aporte teórico em trabalhos acadêmicos a partir de alguns descritores como “Emília Freitas”, “Marion Zimmer Bradley”, “*A Rainha do Ignoto*”, “*As Brumas de Avalon*”, “Literatura Cearense”, “Literatura Nacional e Internacional” e “Literatura e História”. Essa busca resultou na coleta de artigos, teses, dissertações e trabalhos acadêmicos publicados em anais de eventos científicos e que tratam dos temas que iríamos investigar. Guardamos os que nos interessaram em uma pasta compartilhada no Google Drive, descartando os que não atendiam à nossa demanda, e fomos construindo este artigo a quatro mãos, após a leitura e análise dos materiais coletados.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 Incursionando pela vida e pelo legado literário de Emília Freitas

Emília de Freitas Vieira nasceu em 11 de janeiro de 1855, em uma localidade conhecida como Antiga União, no estado do Ceará, e que hoje é o município de Jaguaruana. A jovem cresceu sob os cuidados de sua mãe, Maria de Jesus Freitas, e de seu pai, o Tenente-Coronel Antônio José de Freitas. Apesar de a família contar com doze ou treze membros, todos os filhos do casal aprenderam a ler e escrever. O pai da escritora era um homem muito respeitado entre seus pares, contudo, tinha um pensamento diferente do deles: era antiescravista e republicano. É possível notar que muitos dos ideais dele também se refletiram na filha (Mendes, 2021).

O ano de 1869 foi marcado por muitas perdas para Emília e os seus: a morte do avô paterno, Jacintho José de Freitas; de seu irmão primogênito, João Baptista de Freitas, que foi um militar voluntário e lutou contra o Paraguai; e de seu pai. A autora homenageou seu avô em um de seus poemas, mostrando, por meio de suas delicadas palavras, como ele era querido por

todos; igualmente eternizou a memória de seu irmão e de seu pai em outros poemas seus (Oliveira, 2007).

Com essas lamentáveis perdas muito próximas umas às outras, resultou difícil para a Família Freiras continuar a viver ali, especialmente porque se iniciaram os conflitos políticos mais severos do momento em solo nacional, e neles, conservadores começaram a denegrir a memória de Antônio José de Freitas. Assim, aos 14 anos, Emília mudou-se para a capital da província, Fortaleza, onde devotou-se aos estudos na Escola Normal, aperfeiçoando-se em idiomas – como a Língua Inglesa e a Língua Francesa – assim como em Geografia (Mendes, 2021). Com o passar do tempo, começou a escrever poemas e a declamar em público, dando início, igualmente, às suas contribuições com a imprensa cearense. Em sua poesia, ela não se referia somente a seus familiares queridos, mas a outras temáticas também, tais como:

Além dos poemas dedicados aos entes queridos, Emília Freitas passou a compor poemas em prol da libertação dos escravizados, usando sua lira para denunciar os horrores do tráfico interprovincial, que se intensificou a partir de 1845 com a exigência de mão-de-obra escrava para as lavouras de café das províncias do Sul do Brasil (Oliveira, 2007, p. 35).

Já era possível observar que ela, aos poucos, começava a ter mais contato com assuntos de cunho sócio-político, colocando em prática o que tinha aprendido no seio familiar, em especial com o pai. É importante ressaltarmos aqui que assumir uma postura quanto a temáticas polêmicas como o eram a abolição da escravidão e a defesa de um Brasil republicano implicava, inexoravelmente, perseguição, uma vez que, naquele momento da História, éramos uma monarquia escravocrata (Catrib; Paula; Câmara, 2023).

Com as consequências da causticante estiagem que assolou o Ceará no final do século XIX e após a perda da mãe, Emília e Afonso Américo – seu irmão –, decidiram migrar para Manaus, capital do Amazonas, um estado em ascensão devido ao Ciclo da Borracha (1880-1910) e para onde milhares de nordestinos foram atraídos por ambição própria ou enviados pelo governo para trabalharem na extração de látex e na construção de edificações e de estradas. Foi lá que ela iniciou seu exercício do Magistério. À luz de Mendes (2021), foi lá que ela conheceu Arthunio Vieira, um escritor com quem se casaria mais tarde, em 1900, aos 45 anos, quando a essa idade, naquele momento, uma mulher já era menos considerada socialmente se não tivesse se casado anteriormente. Mas aquele foi um casamento que extrapolou o amor e as letras: foi uma união espiritual que durou pouco, mas que marcou a vida de ambos e a de quem estava em seu entorno.

O espiritismo, religião sistematizada por Allan Kardec na França, por volta do ano 1857, chegou ao Brasil logo em seguida e fez adeptos – dentre eles, Arthunio, que influenciou a esposa e juntos passaram a divulgar as ideias e os ideais espíritas. Ambos passaram a viver, em seguida, em Fortaleza, e continuaram seu trabalho com a doutrina espírita, mas ele faleceu pouco tempo depois. Já Emília, em 18 de outubro de 1908, faleceu em Manaus, para onde havia retornado após ficar viúva e onde contraiu malária. Infelizmente não deixaram descendência.

As pesquisadoras Castro e Almeida (2020), afirmam que Emília Freitas foi uma das grandes literatas de seu tempo. Ao seu lado, outras também brilharam, cada uma tratando de problemas da sociedade e, em específico, de dificuldades e opressões que as mulheres tinham que enfrentar à revelia. Freitas foi muito atuante em sua época: participou da Sociedade das Cearenses Libertadoras, onde ela defendia os interesses dos escravizados, segundo a pesquisadora Constância Lima do Duarte (2018).

O detalhe é que quando estava à frente de seu público, onde seus discursos eram entusiasticamente aplaudidos, iniciava sua fala desculpando-se, o que de acordo com Castro (2021), era uma maneira de justificar essa quebra de padrões na conduta das mulheres da época – e tal como já explanamos anteriormente. Ao longo de sua vida, Freitas teve vários de seus textos publicados em jornais literários; dentre eles: *O Lírio*, *O Libertador* e *A Mocidade*, por exemplo (Catrib; Paula; Câmara, 2023). Em 1891, ela reuniu seus poemas em uma coletânea que trazia o título *Canções do Lar*. Vale ressaltar que, nesta obra, Emília escreveu um texto dirigido aos homens, onde ela pede mais respeito para com as mulheres – muito exigidas pelas limitações que lhes eram impostas pelas famílias e pela sociedade; onde afirma que não era possível exigir excelência com relação à produção literária feminina, pois as mulheres eram afastadas dessa egrégora.

Tem-se notícias de uma outra obra sua, *O Renegado* (1892), desaparecida, como nos explica Constância Lima Duarte na apresentação do livro *A Rainha do Ignoto* (2019). Sabe-se apenas que foram encontradas referências a essa obra em um outro romance da escritora. A primeira edição de *A Rainha do Ignoto* tem 456 páginas e foi publicada pela Typographia Universal em 1899, em Fortaleza. A segunda edição veio por iniciativa da Secretaria de Cultura e Desporto e da Imprensa Oficial do Ceará, organizada pelo pesquisador Otacílio Colares, especialista na obra de Emília Freitas. A terceira edição, em 2000, foi publicada pela Editora Mulheres em parceria com a Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edunisc). Nesta edição é informado que se optou por manter a forma de escrita da escritora, mesmo que alguns termos tenham caído em desuso (Oliveira, 2017). Para esta pesquisa, fizemos uso da edição de 2019, com apresentação da Professora Doutora Constância Lima Duarte.

O romance está ambientado, como posto antes, na cidade de Aracati, no litoral do Ceará, distante 150 km de Fortaleza e conhecida como “A Terra dos Bons Ventos” em língua originária. Nele Freitas nos apresenta uma sociedade secreta de mulheres que moravam em uma ilha – a Ilha do Nevoeiro. Lá, elas tinham a liberdade de fazer o que desejassem, desde estudar a desempenhar funções que eram destinadas somente aos homens: maquinistas, foguistas e engenheiras. Freitas põe todas as mulheres em papéis de destaque, sempre donas de grande conhecimento – o que *per se* é uma das primeiras críticas que ela faz à sociedade da época –, além de enfatizar as agressões praticadas ao sexo feminino pelo patriarcado.

Outra inovação ousada por parte da escritora: as mulheres insulares são conhecidas como “paladinas”, que nesta ilha encantada têm domínio sobre a natureza e vivenciam a criatividade feminina sem medo de serem acusadas de satânicas. Sua líder é Funesta, uma mulher misteriosa e que acaba por despertar a curiosidade do Dr. Edmundo, um jovem bacharel em Direito e herdeiro da fortuna de seu pai, que fora um rico negociante em Fortaleza. Com o falecimento de seu genitor, Edmundo decide viajar. Tendo gasto tudo, volta para os “[...] sertões do Ceará, para os campos do Jaguaribe” (Freitas, 2019, p. 29-30). A partir de então, ele vai acompanhar a “fada do Areré”, encantado por sua aura instigante.

Considerado o romance que iniciou a Literatura Fantástica no Brasil, apresenta elementos textuais inerentes a este gênero: mistério, ações sobrenaturais, a presença do estranho e do maravilhoso, bem ao estilo de Todorov (1975). Freitas descreve uma ilha utópica, em uma descrição especulativa de como a sociedade deveria ser. Rocha (2020) afirma que narrativas como essa eram vistas como um chamado para a ação e para a mudança e são inspiradas em lendas europeias antigas – como a Ilha de Avalon, sobre a qual debateremos na sequência. Na época, *A Rainha do Ignoto* causou um grande estranhamento por tratar de uma sociedade liderada por uma mulher que tinha apenas mulheres como companhia, ocupando estes papéis sociais dos mais simples aos mais complexos, mas prescindindo completamente da égide masculina.

O livro ainda se torna mais surpreendente e ousado à medida que a belettrista traz o fantástico, as formas de magia e o hipnotismo para dentro de sua narrativa. É por meio da personagem ora Funesta ora Diana, a Rainha do Ignoto, que Emília dá voz às pessoas mais humildes – como os escravizados e as mulheres –, mesclando a realidade com o místico, tecendo em forma de narrativa, críticas à sociedade da época e, sobremaneira, aos costumes moldados por sociedades cristãs – sinônimo de desvalorização das mulheres.



## 2.2 (Re)Visitando a vida e a obra literária de Marion Zimmer Bradley

Marion Eleanor Zimmer Bradley nasceu em 1930, no estado de Nova Iorque, a leste de Albany, Estados Unidos. Mesmo vindo de uma família humilde, seus pais a incentivaram a entrar no mundo literário por meio da presença dos livros em casa e da mãe presenteando-a com uma máquina de escrever quando completou 16 anos (Câmara, 2016). E, assim, Bradley começou a produzir seus primeiros escritos.

Quando jovem, tinha predileção por temas como “[...] a Tradição Esotérica Ocidental. Estudou Metafísica e fez também o curso por correspondência da Ordem Rosacruz” (Sousa; Mesquita; Câmara, 2023, p. 367). Seu fascínio pela história do Rei Arthur começou quando, aos 10 anos, ganhou de seu avô uma cópia do livro *Tales of King Arthur* (*ibidem*).

Após casar-se pela primeira vez, Marion começou a se dividir entre a escrita e os cuidados com seus filhos, segundo Sousa (2022). Foi de seu primeiro marido, Robert Alden Bradley, que ela herdou o sobrenome Bradley. Conforme a pesquisadora Yls Rabelo Câmara (2016), Marion divorciou-se dele e, após algum tempo, casou-se com Walter Breen, com quem viveu uma relação aberta, sendo ambos bissexuais. Para ajudar no sustento da família, ela escrevia textos de teor erótico e ficção científica, mas seguia dividindo-se entre escrever e cuidar de sua família.

Com inclinação para crenças pagãs, iniciou-se nos estudos sobre o ocultismo por meio de obras basilares como as de Dion Fortune. Marion Zimmer Bradley “[...] acreditava que uma boa escritora devia saber sobre diversos assuntos e isso a fez estudar sobre Psicologia, parapsicologia, mitologia e religião, a fim de trazer autenticidade para as suas criações” (Sousa, 2022, p. 17 *apud* Câmara, 2016, p. 323). Breen também gostava de assuntos relacionados ao ocultismo, à astrologia e à literatura medieval, o que fortaleceu ainda mais a relação conjugal – apesar das polêmicas que uniam seus nomes à prática do incesto e de outras temáticas indigestas ao mundo cristão.

Em conformidade com Sousa, Mesquita e Câmara (2023), Marion passou a desenvolver atividades com sua cunhada, Diana L. Paxson, como sacerdotisa wiccana, foi admitida em um *coven*. Tempos depois, juntas, fundaram outro *coven*, cenário onde desenvolveram práticas tanto neopagãs, de adoração à Deusa, como de culto ao Sagrado Feminino. Naquele momento, moravam na Califórnia, berço das transformações culturais que impactaram em todos os âmbitos a partir da segunda metade do século XX:

Califórnia, onde ela morava, era o celeiro da contracultura que se iniciava contra o Sistema e nisso incluímos desde a sexualidade vivida de maneira entregue até a plena vivência de sua inclinação religiosa, pagã em seu cerne, direcionada à Antiga Religião/Wicca/Arte/Bruxaria. Ambas as condições – a de bissexual e a de pagã, cultuadora da Deusa Mãe [...] (Sousa; Mesquita; Câmara, 2023, p. 369).

Em meio a tudo que acontecia, o coletivo em que Marion estava inserida experimentava uma Califórnia mais liberal, vivenciando sem culpa o sexo, a espiritualidade, a escrita literária, as expressões artísticas e as drogas. Não obstante, com uma vida marital e familiar abalada, como abalada estava sua saúde, ela foi precisando cada vez mais de ajuda para escrever suas últimas obras – a última delas, *A Sacerdotisa de Avalon* (publicada em 2009), sendo inclusive finalizada por sua cunhada, amiga e parceira espiritual, Diane L. Paxson (Ribeiro, 2021).

Marion Zimmer Bradley deixou-nos no dia 25 de setembro de 1999, após crises cardíacas recorrentes. Seu legado literário, levado adiante com a ajuda de Paxson, tem *As Brumas de Avalon* (2008) como sua obra mais conhecida, principalmente por recontar a lenda arturiana pelo prisma feminino, dando voz a personagens há muitos séculos silenciadas, como é o caso de Morgana das Fadas. *As Brumas de Avalon*, publicado no país de origem da escritora em 1979, é um dos romances que fazem parte do Ciclo de Avalon, em conformidade com Câmara (2016) – romance lançado no Brasil em 1982 como uma tetralogia. Nesse ciclo, Ribeiro (2021) afirma que Bradley construiu toda a mitologia em volta da Ilha Sagrada de Avalon, desde como esta surgiu, passando pela chegada das sacerdotisas ali e retratando suas práticas ritualistas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambas as escritoras tiveram muito em comum – tanto em termos pessoais como em termos literários. Suas obras, pioneiras, foram recebidas pelo público leitor e pela crítica literária com um misto de estupefação, entusiasmo, acolhida e rechaço.

Portanto, nesta seção, apresentamos algumas coincidências entre elas – as duas escritoras em análise e suas obras-primas – e propomos uma reflexão acerca desta ojeriza a obras que tratam as mulheres como capazes de se auto transcender e de, juntamente com suas iguais, formar uma sociedade pautada na sororidade e na solidariedade, na ajuda mútua e no provimento do crescimento em conjunto.

### 3.1 Algumas aproximações entre Emília Freitas e Marion Zimmer Bradley

Em 1899, Emília Freitas publicava *A Rainha do Ignoto*. Cem anos depois, em 1999, morria Marion Zimmer Bradley um ano antes de completar setenta anos. Freitas morreria bastante antes, em 1908, com pouco mais de cinquenta anos e com um legado literário infinitamente menor, mas significante, inaugurando entre nós, brasileiras/os, um novo gênero literário.

As duas vivenciaram experiências dolorosas com as crises econômicas de seus países quando ainda eram muito jovens: Emília sentiu as agruras da Seca de 1877-1879; Marion nasceu em 1930, em pleno auge da Grande Depressão que assolava o país e boa parte do mundo desde 24 de outubro de 1929, a “Quinta-feira Negra”. Ambas tiveram revezes em suas trajetórias e viram-se obrigadas a migrar para lugares mais propícios, onde encontraram a felicidade e onde puderam ser quem ansiavam ser. Foi assim que órfã de pai e mãe, Emília trasladou-se com um irmão para Manaus, tal como fazia uma quantidade enorme de cearenses e outros nordestinos naquele momento, buscando no Norte, no apogeu do Ciclo da Borracha, uma chance de escapar da penúria, da fome e da morte.

Ambas as escritoras tiveram uma vida bem parecida em termos religiosos: kardecista uma e sacerdotisa wiccana outra, não se permitiram deixar influenciar pela moral imperante do cristianismo hegemônico e construíram tanto suas narrativas de vida como as protagonistas de seus romances a partir da fortaleza que emprestavam às mulheres, força essa vinda de si próprias e da importância que davam ao elemento feminino. Destarte, a Funesta emiliana é fantasmagórica, intrigante, empoderada e está no entrelugar de dois mundos, alinhada com as convicções e crenças de sua idealizadora. A Morgana bradleyana foi construída à luz das concepções da Wicca, sendo uma mulher que domina a arte da Magia e honra a Deusa.

As duas romancistas também tiveram uma relação com o casamento que extrapola o socialmente aceito como “normal”: Emília casou-se aos quase cinquenta anos com um escritor quando muitas de suas contemporâneas nessa idade já eram avós, e não teve filhos – nem antes, nem durante, nem depois que seu matrimônio foi desfeito pelas garras da morte, já que ela ficou viúva anos depois de contrair núpcias. Por sua vez, Bradley casou-se duas vezes e seus maridos foram tão excêntricos para a época quanto ela própria, sendo o segundo um famoso escritor e numismata assumidamente bissexual e pedófilo. Bradley teve dois filhos – Moira e Mark Greyland –, e em sua casa a sexualidade era vivenciada sem pudores. Contudo, em 2014, Moira assombrou o mundo ao rasgar publicamente suas dores existenciais, afirmando que ela e o irmão sofreram abusos sexuais por parte de Marion e Walter Breen quando mais jovens. Os

fatos foram corroborados por Mark, um livro foi escrito relatando essas feridas narcísicas e acendeu debates acalorados sobre incesto e abusos infantis com o consentimento materno – como foi neste caso, manchando a imagem de Bradley uma vez mais.

### 3.2 Aproximando *A Rainha do Ignoto* de *As Brumas de Avalon*

Esses dois romances, com quase um século a separá-los, tratam do empoderamento feminino e do quanto esse poder incomoda quem não o tem. Em ambos os casos, são-nos apresentadas releituras de antigas lendas que tratam de confrarias femininas. No caso dessas duas utopias, temos duas ilhas mágicas – A Ilha do Nevoeiro e Avalon – habitadas por mulheres que não somente têm entre si sororidade e solidariedade como dominam fenômenos naturais e se dedicam ao estudo, que por muito tempo, foi um direito negado ao elemento feminino.

As duas ilhas têm nevoeiro e brumas ao seu redor – o que não é um detalhe em vão, pois conotam o mistério que envolve essas duas sociedades hierarquizadas de mulheres que se escondem dos olhos humanos –, nevoeiro e brumas que testemunham os sofrimentos pelos quais as mulheres passam. Na Ilha do Nevoeiro, as paladinas buscam praticar o Bem, ajudando suas iguais; em Avalon, um *locus* de preparação de sacerdotisas da Deusa, a rede de proteção e o respeito imperam. Em um mundo falocêntrico como o nosso, ter ambientes como esses, onde as mulheres desenvolvem seus potenciais longe da violência patriarcal, abisma ao mesmo tempo que revolta quem não admite a possibilidade prática da igualdade de oportunidades para homens e mulheres.

As ilhas também desafiam a lógica cristã de obediência a uma trindade masculina. Nelas impera o culto ao Sagrado Feminino; são locais de paz e de acolhida, de harmonia e de afeto, de generosidade e de tolerância – o oposto do que se vê fora deles, onde a ambição masculina provoca destruição e morte. Em outras palavras: o mundo, prescindindo da presença violenta dos homens, seria perfeito – já que as mulheres são resilientes e têm uma plasticidade de adaptação às adversidades que as diferencia deles. Logicamente, como podemos supor, ambas as escritoras foram extremamente criticadas por ousarem levar ao seu público leitor essa ideia subversiva da autossuficiência feminina.

Contudo, por outro lado, essa temeridade representou para as duas a quebra de grilhões e o ineditismo. *A Rainha do Ignoto*, com Funesta encarnando características de Emília Freitas, inaugurou o gênero Literatura Fantástica no Brasil. *As Brumas de Avalon*, com Morgana representando o *alter ego* de Marion Zimmer Bradley, consoante o que advoga Câmara (2016),

reinventou a lenda arturiana ao resgatar essa personagem de onde ela havia sido condenada a se manter cada vez mais ostracizada e esquecida.

Como Câmara (*ibidem*) nos traz, em sua tese doutoral, Morgana surgiu na Literatura por volta do século XII, pelas mãos de Geoffrey de Monmouth, como uma fada bela e caridosa, como a mais proeminente de suas oito irmãs que moravam na Ilha Sagrada de Avalon. Com o passar do tempo e com o cristianismo cada vez mais imperante, esta lenda de estofamento cristão e *per se* aristotélico, foi dilapidando essa imagem gentil de Morgana ao longo de oito séculos, apresentando-a ao final como a Bruxa Morgana, que habitava o submundo e estava sempre tramando contra seu irmão Arthur, que sequer era seu parente quando ela surgira mitologicamente.

Pois Bradley, ainda consoante Câmara (*ibidem*), não somente a retirou desse cruel desterro que lhe fora destinado pela pena de escritores que tanto tinham de cristãos quanto de misóginos – especialmente depois que Thomas Mallory publicara seu ginecófobo *Le Mort de Arthur* (1485) –, como trouxe-a para sua *masterpiece* na forma de sua protagonista – bissexual, pagã, polêmica e rebelde como a própria autora – e invertendo a imagem de Arthur, mostrando-o como um rei frágil em momentos cruciais e apaixonado por seu primo Lancelot. E sendo por ele correspondido. Com esses ingredientes, a mistura que Bradley promoveu em seu caldeirão literário mudou para sempre essa lenda, que inclusive passou a ser recontada sob o ponto de vista feminino desde então.

### **3.3 Por que esses romances libertadores e escritos por mulheres foram/são tão ostracizados?**

Para entendermos a importância dos romances em tela e compreendermos quão grandes foram as duas escritoras que os conceberam, faz-se necessário refletirmos sobre como as mulheres eram vistas e retratadas na Arte (na Literatura, sobretudo) dos primórdios da Humanidade até o momento em que se conceberam ambas as obras.

Levando-se em consideração que pouco ou quase nada foi escrito sobre a mulher – se comparada ao homem – na História até poucos séculos atrás, conforme Castro (2021), a diferença em termos de privilégios entre os gêneros feminino e masculino teve início no Neolítico (10.000 a 3.000 a.C.), quando a sedentarização tornou o homem plenamente cômico de seu papel na procriação, tirando da mulher a aura divina com a qual a enxergavam nossos antepassados.

É possível percebermos essa dessacralização da figura feminina nas narrativas dos mitos de criação das três religiões monoteístas, que iconoclasticamente vêm, desde sua gênese, rebatizando antigos costumes a partir da fagocitose que vêm promovendo em antigas crenças, apropriando-se delas e de seu arcabouço de saberes.

No mito da criação do mundo cristão, por exemplo, tem-se duas personagens principais: Adão e Eva. Há diversas releituras dessa história, mas o detalhe é que, originalmente, existia uma personagem que, de esposa insubmissa de Adão, foi condenada a ser um demônio: Lilith, representante do Mal na Terra (Conceição, 2007). De tão silenciada que passou a ser, seu nome aparece apenas uma vez na Bíblia, citada em Isaías 34:14: “Os gatos selvagens se juntarão a hienas, e um sátiro clamará ao outro; ali também repousará Lilith e encontrará descanso.”.

Conceição (*ibidem*) explica que Lilith teria sido a “primeira mulher da História da Humanidade”, mas como se negava a sempre ter que satisfazer as vontades de Adão, foi expulsa do Paraíso e Eva foi criada e mantida em seu lugar. Lilith, por sua desobediência a um homem, foi condenada ao submundo e a ter a pecha da iniquidade para sempre. Eva iludiu-se com a ambição que lhe fora infundida por Satanás e, desobedecendo às ordens divinas, levou não somente a si, mas a Adão e a toda a Humanidade ao erro, à condenação eterna da impossibilidade do pleno gozo terreno. E assim, o feminino vem sendo incessantemente associado ao Mal e a tudo o que essa palavra representa. Dessa forma, nascia a ideia de que uma mulher bondosa era aquela que obedecia a seu pai e depois, ao seu marido. Sobre esse papel de mulher virtuosa cristã, Friedan (1971, p. 17) nos esclarece:

Todos afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe. A voz da tradição e da sofisticação freudiana diziam que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade. Especialistas ensinavam-lhe a agarrar seu homem e a conservá-lo, a amamentar os filhos e orientá-los no controle de suas necessidades fisiológicas, a resolver problemas de rivalidade e rebeldia adolescente; a comprar uma máquina de lavar pratos, fazer pão, preparar receitas requintadas e construir uma piscina com as próprias mãos; a vestir-se, parecer e agir de modo mais feminino e a tornar seu casamento uma aventura emocionante.

Esse pensamento se expandiu pelo mundo – cristão ou não – e somou forças com outras ideologias que também têm reduzido a mulher a papéis domésticos e supostamente determinados biologicamente. Esse amordaçamento compulsivo nem sempre foi aceito sem questionamento e, com o passar dos séculos e com os tímidos, mas cada vez mais constantes logros quanto às suas pautas de demandas paulatinamente sendo atendidas por meio de lutas, um descontentamento irrefreável nas mulheres começou a varrer a Europa Ocidental e os

Estados Unidos, especialmente depois da II Guerra Mundial, conforme Câmara e Sousa (2023, p. 289-31).

Naquele momento de desalento em termo macro, ainda consoante Câmara e Sousa (*ibidem*), com as consequências drásticas de um pós-guerra e o mundo dividido em dois blocos político-econômicos antagônicos, as mulheres que durante a guerra haviam substituído os homens em seus postos de trabalho e na manutenção bélica tiveram que voltar para suas antigas funções de donas de casa, esposas e mães – mau grado seu. A ordem era repovoar os países que haviam sofrido esvaziamento devido às baixas no contingente das Forças Armadas.

Isso criou nelas uma mágoa coletiva difícil de digerir, até porque aquela era a geração mais preparada de mulheres que se tinha tido até então, sonhando com uma profissão fora do lar e uma educação formal igual à dos homens. Esse rancor por não poderem ser nem fazer o tão sonhado por tanto tempo – sem poderem expressar essas frustrações abertamente para não soarem antipatrióticas – gerou o que Betty Friedan intitulou como “THE PROBLEM THAT HAS NO NAME”, em seu livro basilar, *The Mystique Feminine*, publicado em 1963 e alavancando a segunda onda do feminismo no Ocidente junto a outras feministas tão aguerridas como ela.

Ademais desses levantes feministas, as mulheres da época – fragilizadas por esses desfalques, mas conscientes de que podiam e deviam quebrar o silêncio e reivindicar seus lugares no mundo –, fizeram parte de outros movimentos pelos direitos civis e foram às ruas protestar contra todas as formas de opressão. Utilizaram-se para isso de seus discursos; de queimas simbólicas de peças íntimas que representavam para elas o poder opressor sobre seus corpos; de manifestações artísticas em letras de músicas, poemas, peças de teatro, roteiros de filmes e na forma de enredos de romances, novelas, contos e crônicas. Paulatinamente, esta movimentação foi se juntando a outras e outros militantes contra a Guerra do Vietnã e contra a Guerra Fria; a contracultura atravessou este cenário e a juventude, por meio de protestos pacíficos e às vezes nem tanto, começou a redesenhar o presente de então e a definir o futuro a partir de si mesma. Eram os anos 1960 e 1970. O mundo nunca mais seria o mesmo. Nem as mulheres e suas lutas.

Pensando nessas questões relacionadas ao universo feminino, tanto Freitas como Bradley conduzem o olhar de quem as lê para histórias onde as mulheres são o foco central, onde elas lideram sociedades onde podem e têm autonomia para serem o que quiserem. Ambos os romances foram libertadores para a época em que foram publicados por inserir na Literatura tramas e cenas que deveriam fazer parte da realidade, no entanto, existiam apenas nas folhas dos livros.

Em *A Rainha do Ignoto*, Freitas descreve uma realidade com os mesmos problemas que ela e suas iguais enfrentavam, mas com a diferença de que suas personagens habitam uma ilha encantada, pois ter a liberdade que as paladinas tinham, ainda era um sonho distante. De forma majestosa, ela lhes dá a oportunidade de se tornarem quem desejam ser e de estudar o que e quanto quiserem. Utilizando-se da fantástica que era a Ilha no Nevoeiro, Emília mostra como era a realidade social do século XIX para ela e suas contemporâneas e como ela acha que deveria ser. Essa visão é-nos mostrada assim:

[...] – O que mais admira, senhor Edmundo, é ela entender de todas as indústrias, de todas as artes, de todas as ciências e letras e até ser uma utopia de governo! Só vendo se pode fazer uma ideia...é incansável! Todos os momentos de sua vida são aproveitados numa atividade célebre (Freitas, 2019, p. 134).

Bradley, por vez, foi igualmente libertadora por tratar de temas considerados tabus então e hoje, como já supracitados e que a sociedade queria deixar invisíveis. Em conformidade com Sousa, Mesquita e Câmara (2023), Marion construiu narrativas relacionadas à bissexualidade e ao incesto, bem como tratou do empoderamento feminino, especialmente representado por sua protagonista Morgana das Fadas. Esta foi colocada na trama como uma mulher totalmente fora dos padrões socialmente impostos, que se guiava por sua volição e intuição – cometendo erros, mas acertos também, tal como o é na vida real ou como deveria sê-lo. Acerca disso, Sousa, Mesquita e Câmara (*ibidem*, p. 339) esclarecem:

Há momentos na história nos quais ela andou pelos bosques sozinha, momentos em que ela se entregou ao desejo carnal, e isso não a fez se sentir culpada ou desviante. Não tinha medo de falar o que pensava, pois sempre fazia o que desejava e lutava pelo que acreditava. Fez o que pôde para manter viva a sua crença e aprendeu cedo que a mulher podia fazer o que quisesse, tanto que se tornou a Senhora da Ilha de Avalon, a protetora da Ilha Sagrada, do conhecimento.

Portanto, com protagonistas tão empoderadas em ambientes igualmente empoderadores para o feminino, podemos mensurar quão criticadas foram essas duas beletistas e o quão desconcertantes suas tramas soaram para os seus tempos e contextos – Emília Freitas na primeira e Marion Zimmer Bradley na segunda ondas do feminismo respectivamente. Independentemente da equação tempo e espaço, se ousassem publicar um romance igualmente vanguardista hoje, indubitavelmente seriam recebidas com críticas retrógradas no que diz respeito à subjetividade das mulheres.

Infelizmente, por mais que o tempo tenha passado e de que já estejamos em pleno século XXI, que o elemento feminino tenha galgado lugares importantes em termos de



representatividade e acolhimento de algumas de suas demandas historicamente relegadas ao menosprezo, ainda temos que assistir ao duelo entre as incessantes tentativas de colonização do corpo, da mente e das produções das mulheres pelos homens que deveriam conviver com elas em termos de paridade, de igualdade – e a Literatura reflete isso e reflete, principalmente, **SOBRE** isso.

Trabalhos acadêmicos como este, em coletâneas de estudos como o é neste dossiê, têm essa função adicionada: a de servirem de veículos denunciadores das mais diversas práticas de violência contra as mulheres, principalmente as que desafiam o Sistema e criam um mundo à parte – mesmo que utopicamente –, como o fizeram Emília Freitas e Marion Zimmer Bradley em suas *Magna Opera*, onde as mulheres têm o seu valor reconhecido e a sua presença enaltecida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As obras têm uma diferença de época, mas é absolutamente perceptível que os problemas, para as mulheres, permanecem quase os mesmos, pois ainda estamos diante de sociedades opressoras e orientadas hegemonicamente para o masculino. Apesar de a história da mulher ainda estar bastante fora dos livros didáticos e de os romances escritos por mãos femininas ainda serem menos estudados pela Academia do que os concebidos por mãos masculinas, ao estudarmos essas beletristas, contribuímos para que suas vozes e as de quem elas representam/representavam não se percam, para que seus grandes feitos sigam vivos tanto na História quanto na própria Literatura.

Nessa pesquisa, conduzimos o escopo de nosso estudo para as narrativas de Emília Freitas e Marion Zimmer Bradley. Ambas retratam em suas *masterpieces* figuras femininas ousadas – mulheres que têm contato com o místico e com a natureza, que desenvolvem sua espiritualidade da forma mais sublime, sem preconceito. Sobretudo, essas duas escritoras nos mostram mulheres possíveis de existir não utopicamente, mas aqui e agora, completamente livres das amarras nem sempre invisíveis do patriarcado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao nosso Grupo de Estudos, o Filhas de Avalon, que sempre nos proporciona momentos de muito aprendizado.

Agradecemos igualmente às membras e membros que seguem conosco nessa seara desde 13 de agosto de 2020, apresentando-nos, em suas pesquisas, escritoras nacionais e internacionais, de outrora e de agora, provendo-nos a oportunidade de mais pessoas conhecerem suas fortunas críticas.

Gratidão, em especial, à nossa querida Líder, Profa. Dra. Yls Rabelo Câmara, que conduz o Filhas de Avalon com EXCELÊNCIA E GENTILEZA – sempre nos apoiando e compartilhando seus conhecimentos – não somente conosco, mas com o mundo, por meio de nossas redes sociais e de nosso ponto de encontro, nosso canal no YouTube –, ajudando-nos a investigar e a publicar os resultados de nossas investigações realizadas em conjunto democrática e colaborativamente – como aqui, neste trabalho que ora finda, dividindo a escrita deste artigo elaborado a quatro mãos.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTA, N. F. B. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. Prefácio, Notas e Estudo de Constância Lima Duarte. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

BRADLEY, M. Z. *As Brumas de Avalon*. 2 ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

CASTRO, C. P. de. *A escrita feminina cearense do século XIX: uma perspectiva de análise da poesia de Ana Nogueira e Francisca Clotilde*. 2021. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2021. Disponível em: [repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56911/7/2021\\_dis\\_cpcastro.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56911/7/2021_dis_cpcastro.pdf) (Acesso em: 15 nov. 2023).

CASTRO, C. P. de; Almeida, G. M. A. *Aula – 8 Escritoras Cearenses Desconhecidas do Grande Público*. Youtube – Filhas de Avalon – o Feminino em Pauta (02:44:50), 24 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xOQV2cnRBG8&list=PLXxkjHl4ts0MQvJSP1mGW5SeEQLU32wEz&index=9> (Acesso em: 12 nov. 2023).

CÂMARA, Y. R. *Morgana versus Ginebra: análisis de la dicotomía entre las representantes del paganismo y del cristianismo en el mundo celta de Las nieblas de Avalon*. 2016. 427 f. Tese (Doutorado em Língua Inglesa e Alemã), Departamento de Filología Inglesa y Alemana, Universidad de Santiago de Compostela. Santiago de Compostela, Espanha, 2016.

CATRIB, S. F.; PAULA, A. J. S. de; CÂMARA, Y. R. A revitalização do romance A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas: contexto e perspectivas. In: *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, vol. 8, n. 3, 2022, p. 1-18. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2308>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CONCEIÇÃO, K. C. S. S. *A personagem feminina na obra de João Simões Lopes Neto: uma releitura do mito de Lilith*. 2007. 91 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) –

Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande do Sul, 2007.

DUARTE, C. L. Escritoras Nordestinas do Século XIX: Resgate e História. In: *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 59, 2018, p. 177-184. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28871/17109>. Acesso em: 12 nov. 2023.

FREITAS, E. *A Rainha do Ignoto*. 3 ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019.

FRIEDAN, B. *A mística feminina*. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1971.

KLUMB, S. A. *Mulheres Marcadas: a Ficcionalização da Violência Contra a Mulher na Literatura Brasileira*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras – Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2021. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/6391/Mulheres%20Marcadas%3A%20a%20Ficcionaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20Viol%C3%Aancia%20Contra%20a%20Mulher%20na%20Literatura%20Brasileira?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 nov. 2023.

OLIVEIRA, A. C. de. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. 2007. 189 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

MENDES, C. *Aula 6 – Emília Freitas*. Youtube Filhas de Avalon – o Feminino em Pauta (02:10:32), 24 de dezembro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KCw5cQPKcWI&list=PLXxkjHl4ts0PZmEmTA1DfWb3WzsdPMtpv&index=7>. Acesso em: 06 nov. 2021.

RIBEIRO, S. M. C. *Aula 18 – Marion Zimmer Bradley*. Youtube – Filhas de Avalon – o Feminino em Pauta (02:54:53), 09 de janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVt-meG1FiU&list=PLXxkjHl4ts0MQvJSP1mGW5SeEQLU32wEz&index=19>. Acesso em: 12 nov. 2023.

ROCHA, T. de V. A violência contra a mulher na literatura utópica de Emília Freitas. *As muitas faces da violência contra a mulher na perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020, pp. 37- 57. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=107078>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SOUSA, S. P. R. de. *A representação feminina da lenda arturiana no magnum opus de Howard Pyle e de Marion Zimmer Bradley*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=107078>. Acesso em: 31 out. 2023.

SOUSA, S. P. R.; MESQUITA, L. P. T.; CÂMARA, Y. R. A presença impreterível das personagens arturianas Morgana e Gwenhwyfar na obra *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley. In: CÂMARA, Yls Rabelo (Org.). *Das Brumas à Luz*, vol. 1 – Escritoras Internacionais. Tutóia-MA: Diálogos, 2023, pp. 363 - 403.